

ENTREVISTA: A IMPLANTAÇÃO DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ

Leonardo Pellegrinello Camargo¹

Esta entrevista tem o objetivo de resgatar a memória da implantação da disciplina de Filosofia no Colégio Estadual do Paraná nos anos 1990, conversando com os dois professores responsáveis. Entre idas e vindas, a Filosofia retoma ao ensino nesta década, e se torna obrigatória a partir de 2008. Infelizmente, com o Novo Ensino Médio², a partir de 2022³ temos uma redução substancial da carga horária da Filosofia. Marculino Camargo foi professor do CEP até 2004, e Rubens Tavares ainda leciona atualmente no Colégio. Ao final do texto, uma tabela com a quantidade de aulas em cada série do Ensino Médio, dos anos 1990 até 2024, gentilmente cedida pela Secretaria do CEP.

Marculino: Eu entrei aqui em 1977 como professor de Educação Moral e Cívica e OSPB, que era o professor formado em Filosofia podia dar esta matéria. Apesar de que não era suficiente isto, precisava ter um aval de um órgão em Brasília que fiscalizava a Educação Moral e Cívica lá do regime militar. E inclusive precisava ter um atestado do DOPS aqui de Curitiba. Só que o DOPS não me deu este atestado e fui saber mais tarde o porquê. Mas o professor Osni Dacol que era o Diretor falou “não liga pra isso, eu dou um jeito” e me contratou porque naquele tempo o Diretor é quem contratava o professor, a gente era suplementarista, que corresponde ao PSS de hoje. Aí me contratou, e me deu 36 aulas de OSPB e Educação Moral e Cívica. Então continuei nestas duas disciplinas e quando chegou o governador Ney Braga – eu acho que não é do seu tempo também – resolveu enquadrar todos os professores suplementaristas no Quadro Único, isto é, como se fosse concursado. A gente fez uma prova só

¹ Licenciado e mestre em Filosofia (PUCPR). Professor do Colégio Estadual do Paraná.

² https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm

³ <https://www.educacao.pr.gov.br/Noticia/Educacao-divulga-matriz-curricular-do-Novo-Ensino-Medio>

pro-forma, e isso se não me engano o Ney Braga terminou em 1982. E aí eu tinha que escolher uma disciplina para o padrão. Eu era formado em Filosofia, mas como você vê não havia Filosofia (na Matriz). Então optei por História. Então o meu padrão era de História. E continuei dando aula de História, enquanto existiu OSPB e assim por diante, mas sempre a gente usava Filosofia porque não posso dar Educação Moral e Cívica e OSPB sem Filosofia né? Então continuei, e quando começou Filosofia, peguei algumas aulas, não muitas porque precisava de professor de História na época, e como eu tinha o padrão de História, em primeiro lugar era isto. Agora, como é que a gente fazia Filosofia: naquele tempo já começava a surgir livros de Filosofia, este monte que vocês têm aí, o *Filosofando*, é dessa época.

Pergunta: Mas não tinha livro didático fornecido pelo Estado?

Marculino: Não tinha nada, a gente não tinha livro didático. Eu fazia no meu método de aula, e outros também, eu fazia um esquema, explicava no quadro, e eles copiavam. E a gente sugeria leituras, mas quase ninguém lia nada. Então era um método assim muito expositivo, mas também havia uma espécie de discussão sobre pensamento, sobre Lógica, principalmente sobre Ética, porque o meu forte é que fiz um curso que, embora seja de Teologia Moral, abrange muito a Ética. Então eu era muito livre. Até voltando atrás, em Educação Moral e Cívica e OSPB eu não segui os livros que o governo fazia, porque era ridículo, elogio ao regime como tal, né? Então era muito livre. E os alunos até que participavam bastante porque era uma série de problemas que eles traziam e discutia, como nós tínhamos recém-saído de uma ditadura em 1985, quando entrou o Sarney, e começava a democratização, então eles tinham muito interesse, e havia uma espécie de procura de estagiários de Filosofia porque as faculdades começavam a ampliar os cursos de Filosofia, que inclusive surgiam cursos novos. Eu lecionava, por exemplo, na FAE. A FAE também, tinha o curso de Filosofia lá em Campo Largo para os seminaristas, trouxe aqui para o centro e pegava um monte de gente. Agora nem parece que está mais aí, com a diminuição de aula de Filosofia parece que ninguém quer mais fazer, né? O Bagozzi surgiu assim também, a Facel também que parece que faliu, e outros.

E estes estagiários trabalhavam, e era muito bom trabalhar com eles em sala de aula, mas com tempo foi parando. Então o que me lembro, tentei entrar em outros detalhes, por enquanto é isso, quem sabe a gente conversando, vem mais ideias.

Rubens: a minha formação é Filosofia, entrei na Federal em 1984, fiz o curso de Filosofia e depois a parte de História. Eu vim para o Estadual do Instituto, eu dava aula no Instituto para o Magistério e vim para cá, assumo a disciplina de História nos primeiros anos, que era a tarde e depois vim para os segundos anos. E o que me lembro da grade de Filosofia, é que não existia realmente, e acho que eu e o professor fomos chamados para montar uma grade de Filosofia e Sociologia porque a gente era da área, e a gente montou uma grade dentro de nossas possibilidades, eu lembro que eu acabei assumindo 25 turmas de Filosofia no início para a gente tocar a coisa.

Pergunta: Era uma aula semanal?

Rubens: Uma aula semanal. Para a gente garantir o espaço, porque não tinha espaço, então a gente assumiu, o professor também assumiu para a gente garantir o espaço, pra depois vir professores. Eu me lembro que peguei as 25 turmas, era uma aula por semana, e eu trabalhava a parte da Filosofia: da Ética, depois da Política, e que era difícil e a gente tinha que garantir o espaço, e se a gente não garantisse aquele espaço, que era uma aula só, a gente não teria ampliado para duas – duas. Eu me lembro quando a gente foi chamado, a gente fez um rascunho, acho que se perdeu aquele rascunho, a gente fez uma grade, não sei se o senhor lembra, a gente fez uma grade distribuindo os conteúdos, mas dentro de uma situação que a gente sentou e foi fazendo a grade. E tinha uma grade de Filosofia e Sociologia e ambas tinham uma aula, e era o possível naquele momento. Eu creio que se não fosse aquela uma aula, ela não teria ampliado. O que penso também é que a gente foi corajoso. Porque foi dada uma tarefa, para a gente organizar uma grade curricular, uma grade de Filosofia e uma grade de Sociologia, e a gente saiu do nada. Por mais que talvez hoje a gente olhe a grade e possa ter vários problemas, mas foi o início desta discussão da Filosofia aqui no Estadual. Eu lembro que a ideia era trazer, por exemplo, um

poema que a gente possa analisar e ajudar a construir uma racionalidade, um entendimento. Porque a discussão sempre foi, no meu entendimento, trazer um autor – eu me lembro de um estagiário que queria discutir Ortega Y Gasset – e eu falava: não vai dar certo com os alunos. Até quando um aluno perguntou: quem é o Ortega e quem é o Gasset? O aluno estava correto, porque não adianta trazer o Ortega Y Gasset que é uma discussão mais para a Filosofia, e devia trazer a Filosofia pra responder as indagações deste aluno. Eu me lembro que trabalhei uma música do Raul Seixas, chamava *Metro Linha 746*, e a ideia de quem pensa, pensa mais bem parado, a ideia do pensamento, da racionalidade, e eu creio que neste sentido a gente foi corajoso. Eu espero que a gente ainda tenha esta grade curricular, podemos olhar com o distanciamento do tempo, porque naquele tempo foi um avanço para o Estadual. Depois vieram outras grades, outras discussões.

Marculino: Você falou sobre a professora Adélia. Nós tínhamos divergências de posições. Mas ela respeitava as posições, e deixava a gente discutir as questões. Mesmo em reuniões de professores, e assim por diante. De fato, era uma diretora que fazia a coisa caminhar, mas ao mesmo tempo ela tinha o respeito, e isso facilitava para a gente na sala de aula, porque ela não se intrometia nestas coisas. E ela tinha os seus limites, por isso acho que para a gente lecionar bem, no nosso caso aqui em Filosofia, a gente precisa saber se relacionar com a autoridade, com a direção para não criar problemas maiores. A liberdade de pensamento.

Pergunta: Vocês tinham, lá no começo, uma prática interdisciplinar?

Rubens: Eu até hoje acho que História, Filosofia e Sociologia são conjuntas, eu não tenho como dar uma aula de História sem recorrer à Filosofia e à Sociologia. E eu estava pensando na professora Adélia, realmente, ela não interferiu na nossa montagem da grade, nunca houve pressão nenhuma. Tanto até que houve liberdade pra montar e entregar, claro que com um prazo. E claro que se pressupunha estes diálogos entre as disciplinas, e acho que se perder hoje, cada uma monta as suas grades curriculares, não se tem diálogo nenhum. Eu sempre

entendo que Filosofia sem História e História sem Filosofia não é possível. A gente acabou cada um indo para seus nichos, eu entendo por outra perspectiva. A Literatura é importante. A gente perdeu muito isso. A gente tem que recuperar, na prática a gente não faz interdisciplinaridade.

Marculino: Isso que você falou, havia aqui uma coordenação chamada Área Humanística. A gente se reunia nesta área – até o Hectore foi coordenador – História, Geografia, Filosofia e Sociologia. Então a gente discutia em conjunto estes problemas, e era bom. Porque um professor de Geografia, que está relacionada à Filosofia – porque a gente não pode entender a Filosofia Grega sem entender a Geografia da Grécia – a gente tinha estes encontros entre nós, pra ver estes pontos comuns, e com isso aumentava também a produtividade na própria sala de aula, porque havia aspectos da Geografia que ajudava na minha aula de Filosofia, ou a minha História, porque lecionei mais História que Filosofia. Por causa do meu padrão, então isso é importante. Hoje cada matéria é uma coordenação. Então é importante haver um diálogo entre estas quatro disciplinas, as vezes a gente encontra um livro de Filosofia que coloca uma coisa de História que não é bem adequado. Por acaso eu estava lendo (o livro) da Marilena Chauí, e falei, vou ver o que ela fala do Tomás de Aquino. Dizia lá que ele era monge beneditino, não era, era dominicano, porque tem uma formação bem diferente do beneditino. Porque mesmo que sejam ordens da igreja Católica são formações diferentes, se a gente ver os franciscanos, então, daí piorou. Mas são filosofias. Até porque temos grandes filósofos franciscanos, como o Guilherme de Ockam, que tem pontos que são importantes. Porque esta complementariedade facilita o próprio professor. No meu caso, quando eu dava aula de Teologia – a gente não pode dar aula de Teologia sem História – não dá para pensar em Deus sem pensar na História. A racionalidade é a mesma coisa: o homem começou a raciocinar quando começou a pensar sobre os deuses, e depois veio e Teologia judaico-cristã que deu outra forma. Em resumo: nós temos, na Filosofia, que aproveitar de todas as fontes de pensamento e todas as situações de históricas e até espaciais pra gente pensar bem. Eu estava vendo um vídeo de uma celebração de uma missa de uns padres lá no Amazonas, e eles aproveitam a cultura amazônica pra fazer a celebração da missa, porque

faz mais sentidos para a população. A gente tem que sair desta cultura europeia, italiana, latina, e ampliar o horizonte.

Marculino: Esta ampliação que você falou, foi uma luta dos formados em Filosofia, e uma espécie de pedido... Veja bem, nós saímos do regime ditatorial, em que não havia liberdade para pensar, para discutir, e a Filosofia era a base para isso. Então até aumentou o número de alunos do curso de Filosofia. E você veja – eu sou mais antigo que você – mas havia certas palavras que a gente não podia usar em sala de aula. Inclusive de Educação Moral e Cívica, OSPB e Filosofia. Falar, por exemplo, em conscientização era perigoso. Discutir liberdade, pior ainda. Então havia uma espécie de medo porque foi uma mudança muito rápida, percebemos que na educação tinha que caminhar diferente. Ou a gente faz os alunos refletirem, ou não. Como diz o Kant: ‘Não temos que ensinar Filosofia, mas ensinar filosofar’. Nós temos que aproveitar o que os outros pensaram para ajudar as pessoas pensarem. Mas só ficar repetindo o que Sócrates, Platão, Kant falaram é tempo perdido. Tem de ter um meio pra gente ampliar isso e aprofundar. A gente tem que passar do histórico para o pensamento atual, e não usei muito isso (livro didático), mas era a preocupação da gente.

Rubens: Eu estou me lembrando que quando foi implementada a Filosofia eu acho que foi na gestão da professora Adélia, que nos chamou, porque não tinha outros professores. Depois que a gente montou o currículo, veio o material da Marilena Chauí, o Convite à Filosofia, mas quando a gente começou era esta ideia, como ensinar a Filosofia respondendo indagações do nosso presente. A minha aula não era História da Filosofia, porque realmente, para aquele aluno, não fazia sentido, então como aquele curso poderia fazer uma indagação sobre a desigualdade para ele, como instrumento a racionalidade da Filosofia. Eu creio que a gente foi muito corajoso, montamos aquele currículo do nada, sem material. E ficou a cargo de só nós dois, eu o professor Marculino, não digo que somos os melhores, mas fomos nós que fizemos. A gente montou uma grade com os conteúdos e mostramos para a direção.

Marculino: E você citou o livro da Marilena Chuaí, alguns falam que o livro dela é mais difícil, para o nível universitário, mas acho que ela atinge mais as pessoas para a reflexão, embora ela tenha uma linha mais “esquerdista” para alguns, mas ela faz pensar, e isso que é importante.

Pergunta: Mas tinha uma prévia dos conteúdos para abordar, ou foi a partir de vocês que elaboraram?

Rubens: A gente que montou a grade, com Ética, Política, e a Estética também. Então isto foi importante, porque a partir dali a gente foi desdobrando. E deu um trabalho, a gente viu o que seria a Política, e a gente desdobrava, e ficava a cargo do professor dentro daquele tema, e ele podia usar vários referenciais. A gente montou para os anos seguinte, e eu assumi a disciplina até chegarem os professores de Filosofia, e depois voltei para a História, até então não tinha grade de Filosofia e nem Sociologia.

Marculino: Mas a gente fez a partir do nada, só a partir do que a gente sabia de Filosofia e do que a gente pensava sobre a escola. Porque não adianta vir *a priori* um texto pronto. Aliás, para dizer a verdade, só nos primeiros anos de professor eu usava texto, e depois eu elaborava os temas a partir do meu conhecimento, usando bibliografia. Porque acho que o texto é bom na medida que os alunos aproveitem e leem, mas não pode ser o texto o fundamento da própria aula. A gente tem que elaborar conceitos diferentes, problemas diferentes, se não a gente cai no mesmo nível que sempre foi só repetindo coisas. Quando eu dei aula no curso de Administração na faculdade, muitos alunos liam Platão, Aristóteles, para comentar a administração moderna. E aqui nós tínhamos o curso de Técnico em Administração, que eu dei aula para eles, e eu usava muito isso, usar o estudo na área junto com uma reflexão ética. Eu acho que o mais importante de Filosofia é a liberdade de pensamento, e ter o conflito de pensamentos. Mas uma coisa que era difícil que os alunos fizessem, era a pesquisa, para fundamentar uma opinião.

Rubens: Lembrei que, na época, saiu o jornal Humanidades. O professor Hectore, também o professor Edilson, tinham um texto lá. Devo ter um exemplar,

saiu só uma edição, das Humanidades – História, Geografia, Filosofia e Sociologia. A gente podia pensar em integrar as coordenações.

Marculino: O interdisciplinar é uma ideia boa, porém se você só fica no “*inter*” é pouca coisa. Porque, com o tempo, tem que haver uma direção. Porque, por exemplo, se você estuda a Bioética, que dá a última palavra aí? Tem que haver uma direção no pensamento, para onde você quer chegar. Para estudar sobre a vida, tem que ter conhecimentos do Biologia, Filosofia, Teologia, além de outras áreas. A Filosofia tem de ajudar a racionar mais, e que não fique bitolado.

**COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ**

Ensino Fundamental, Médio e Profissional
 Av. João Gualberto, 250 - Alto da Glória, Curitiba - PR
 CEP: 80.030-000 - Fones: 3234-5610 e 3234-5626
 E-mail: secretaria.cep@escola.pr.gov.br



ANO DE IMPLANTAÇÃO	DISCIPLINA	DIURNO				NOTURNO			
		1ª	2ª	3ª	TOTAL	1ª	2ª	3ª	TOTAL
1990	FILOSOFIA	0	0	0	0	0	0	0	0
1991	FILOSOFIA	0	0	0	0	0	0	0	0
1992	FILOSOFIA	0	0	0	0	0	0	0	0
1993	FILOSOFIA	0	0	0	0	0	0	0	0
1994	FILOSOFIA	0	0	0	0	0	0	0	0
1995	FILOSOFIA	0	0	0	0	0	0	0	0
1996	FILOSOFIA	0	0	0	0	0	0	0	0
1997	FILOSOFIA	0	0	0	0	0	0	0	0
1998	FILOSOFIA	0	0	0	0	0	0	0	0
1999	FILOSOFIA	2	2	0	4	3	3	0	6
2000	FILOSOFIA	2	2	0	4	3	3	0	6
2001	INICIAÇÃO A FILOSOFIA	0	1	0	1	1	1	0	2
2002	FILOSOFIA – EM	0	1	1	2	0	2	2	4
2003	FILOSOFIA	2	0	0	2	2	0	0	2
2004	FILOSOFIA	2	2	0	4	2	0	0	2
2005	FILOSOFIA	2	2	0	4	2	0	0	2
2006	FILOSOFIA	2	2	0	4	2	0	0	2
2007	FILOSOFIA	2	2	0	4	2	0	0	2
2008	FILOSOFIA	2	2	0	4	2	0	0	2
2009	FILOSOFIA	2	2	0	4	2	0	0	2
2010	FILOSOFIA	2	2	0	4	2	0	0	2
2011	FILOSOFIA	2	2	2	6	2	2	2	6
2012	FILOSOFIA	2	2	2	6	2	2	2	6
2013	FILOSOFIA	2	2	2	6	2	2	2	6
2014	FILOSOFIA	2	2	2	6	2	2	2	6
2015	FILOSOFIA	2	2	2	6	2	2	2	6
2016	FILOSOFIA	2	2	2	6	2	2	2	6
2017	FILOSOFIA	2	2	2	6	2	2	2	6
2018	FILOSOFIA	2	2	2	6	2	2	2	6
2019	FILOSOFIA	2	2	2	6	2	2	2	6
2020	FILOSOFIA	2	2	2	6	2	2	2	6
2021	FILOSOFIA (implantação de Matriz simultânea)	1	2	1	4	1	1	1	3
2022	FILOSOFIA (implantação de Matriz gradativa)	2	2	1	5	2	1	1	4
2023	FILOSOFIA	2	3	1	6	2	3	1	6
2024	FILOSOFIA	2	3	0	5	2	3	0	5

LEGISLAÇÃO:

Lei Federal nº 11.684/08 que inclui a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do Ensino Médio
 Deliberação nº 03/08 do Conselho Estadual de Educação, que trata das disciplinas de Filosofia e Sociologia;
 INSTRUÇÃO Nº 021/2010-SUED/SEED

Colégio Estadual do Paraná – Ensino Fundamental, Médio e Profissional
 Avenida João Gualberto, 250 – Alto da Glória – CEP: 80.030-000 – Curitiba – Paraná
 Telefone: (41) 3234-5610 e 3234-5626 – E-mail: secretaria.cep@escola.pr.gov.br